

Imagens Bombásticas: Disputas Narrativas Midiáticas sobre Atentados e Ataques

Bombastic Images: Narrative And Media
Disputes Over Attacks And Assaults

Imágenes Bombásticas: Disputas Narrativas
Y Mediáticas Sobre Atentados Y Ataques

Recebido em: 29/06/2023
Aceito em: 01/09/2024
DOI: 10.46952/rebej.v15i34.1307

Graziela Maria Godwin Egbuna
grazigodwin@gmail.com

Vinicius Souza
vgpsouza@uol.com.br

Jenisson Bartniski
jenibartniski@gmail.com

Joyce Nascimento
joyce.todimo13@gmail.com

Kennid Teixeira
kennidrt@gmail.com

Matheus Fin
finmatheus@gmail.com

RESUMO

Este ensaio analisa como são construídas as disputas narrativas e midiáticas nas coberturas de guerras e atentados que geram repercussão mundial. Os ataques no território histórico da Palestina/Israel contra a flotilha de ajuda humanitária, em 31 de maio de 2010; os ataques de 07 de outubro de 2023 executados pelo grupo palestino Hamas; o ataque com autoria sob disputa no Hospital Baptista Al-Ahli na Faixa de Gaza, em 17 de outubro de 2023; e a bomba no Riocentro, no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1981 estão entre os exemplos analisados. A partir dos pressupostos de Souza (2011 e 2023), Sontag (2003), Chomsky (2013), Said (2012), Mbembe (2018), Motta (2005) e Pilger (2010), analisamos e contrapomos estes episódios, suas representações midiáticas e enquadramentos jornalísticos para compreender como a "verdade" se torna a primeira vítima nas guerras.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativas. Guerras. Atentados. Jornalismo. Enquadramento.

ABSTRACT

This essay analyzes how narrative and media disputes are constructed in the coverage of wars and attacks that generate worldwide repercussions. The attacks on the historic territory of Palestine/Israel against the humanitarian aid flotilla on May 31, 2010; the attacks of October 7, 2023 carried out by the Palestinian group Hamas; the attack with disputed authorship on the Al-Ahli Baptist Hospital in the Gaza Strip on October 17, 2023; and the bombing at Riocentro, in Rio de Janeiro, on April 30, 1981 are among the examples analyzed. Based on the assumptions of Souza (2011 and 2023), Sontag (2003), Chomsky (2013), Said (2012), Mbembe (2018), Motta (2005) and Pilger (2010), we analyze and contrast these episodes, their media representations and journalistic framings to understand how "truth" becomes the first victim in wars.

KEYWORDS

Narratives. Wars. Attacks. Journalism. Framing.

RESUMEN

Este ensayo analiza cómo se construyen las narrativas y las disputas mediáticas en la cobertura de guerras y atentados que generan repercusiones mundiales. Los ataques al territorio histórico de Palestina/Israel contra la flotilla de ayuda humanitaria, el 31 de mayo de 2010; los ataques del 7 de octubre de 2023 perpetrados por el grupo palestino Hamás; el controvertido ataque al Hospital Bautista Al-Ahli en la Franja de Gaza el 17 de octubre de 2023; y la bomba en Riocentro, en Río de Janeiro, el 30 de abril de 1981, son algunos de los ejemplos analizados. A partir de los supuestos de Souza (2011 y 2023), Sontag (2003), Chomsky (2013), Said (2012), Mbembe (2018), Motta (2005) y Pilger (2010), analizamos y contrastamos estos episodios, sus representaciones mediáticas y encuadres periodísticos para comprender cómo la "verdad" se convierte en la primera víctima de las guerras.

PALABRAS CLAVE

Narrativas. Guerras. Ataques. Periodismo. Enmarcado.

1 INTRODUÇÃO

O mundo assiste estarelecido, desde o final do ano de 2023, a um novo e mais sangrento acirramento do conflito nos territórios da Palestina histórica¹ após os ataques pelo braço armado do grupo Hamas, que governa a Faixa de Gaza desde 2007, a uma festa de música eletrônica e, posteriormente, a moradores de *kibutzis* no território ocupado (figura 1) pelo Estado de Israel desde 1948. Quando este texto foi fechado as estatísticas oficiais somavam quase 62 mil mortos na Faixa de Gaza (além de 14 mil desaparecidos e também provavelmente mortos), segundo o site de notícias *Al Jazeera*². Na Cisjordânia seriam mais 905 palestinos mortos. Os números diminuem drasticamente em Israel, totalizando pouco mais de mil mortos, segundo a mesma fonte. Esse é um dos motivos pelos quais o conflito atual tem “características de genocídio”, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU)³, e o Tribunal Penal Internacional (TPI) expediu mandados de prisão contra o primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e o ex-ministro da Defesa Yoav Gallant⁴.

É consenso entre os historiadores que a conquista *de facto* do território histórico pelo Estado judeu, a partir da Resolução 181 sobre a Partilha da Palestina, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1947, foi movida tanto por ações militares, como por atentados terroristas e limpeza étnica, no que os palestinos chamam de Nakba, termo em árabe para catástrofe. A ocupação militar dos territórios palestinos além do “plano de partilha” de 1947/48 segue sendo violenta no que ainda resta de Gaza e Cisjordânia.

Figura 1: Ocupação gradual do histórico território da Palestina pelos israelenses entre 1920 e atualmente

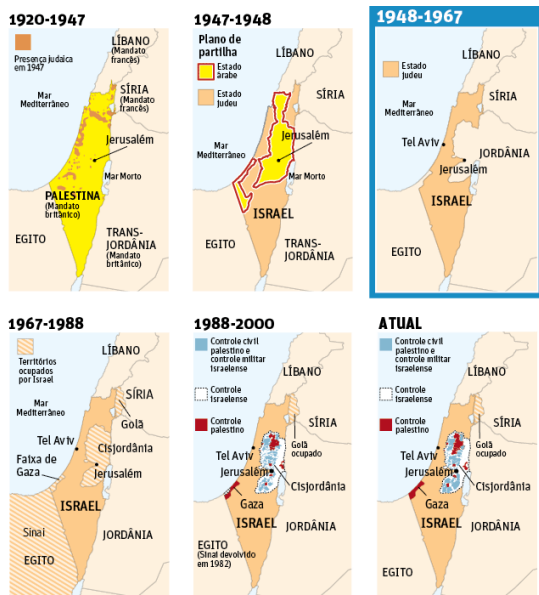
¹ Em 2024, a Corte Internacional de Justiça da ONU determinou como ilegal a ocupação por Israel em territórios palestinos. Veja em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202407/opiniao-consultiva-da-corte-internacional-de-justica-cij-sobre-201praticas-de-israel-no-territorio-palestino-ocupado-inclusive-jerusalem-oriental201d> e

² Veja em: <https://www.aljazeera.com/news/2025/2/3/gaza-death-toll-rises-close-to-62000-as-missing-added>.

³ Ver em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-11/onu-guerra-de-israel-em-gaza-tem-caracteristicas-de-genocidio>.

⁴ Ver em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd6ve0p2380o>.

Imagens Bombásticas: Disputas Narrativas Midiáticas sobre Atentados e Ataques



Fonte: <https://jornalistaslivres.org/a-palestina-apagada-do-mapa/>

O movimento sionista⁵, surgido no século XIX como reivindicação política para a criação de um estado nacional para os judeus da diáspora nas terras em volta da cidade de Jerusalém, no Monte Sião, então sob domínio do Império Britânico, ganhou força após o Holocausto nazista da Segunda Guerra Mundial, quando mais de 6 milhões de judeus foram assassinados. A partir daí o movimento conseguiu espalhar pelo mundo a narrativa de “uma terra sem povo para um povo sem terra”, criada por Israel Zangwill (1864-1926), para definir a Palestina. Acontece que havia, e ainda há, um Povo Palestino nessas terras! Como diz Salem Nasser, no prefácio da edição brasileira de *A Questão da Palestina*, de Edward Said,

A tragédia da Palestina é territorial na medida em que uma outra pretensão - mais forte, mais estruturada e mais relevante no que se poderia chamar de jogo das nações - reclama o domínio não partilhável da terra. Mas é também uma tragédia de negação e, em certo grau, de invisibilidade: a narrativa palestina é gradualmente apagada, escondida, suplantada por outra que lhe faz concorrência e, ao mesmo tempo, a substitui por representações reducionistas e caricaturais. (Nasser *in* Said, 2012, p. VIII)

⁵ O sionismo é um movimento político e ideológico que surgiu defendendo o direito dos judeus a um Estado próprio, culminando na criação do Estado de Israel em 1948. Um sionista é alguém que apoia esse ideal, podendo ser judeu ou não. O antissionismo, por sua vez, é a oposição ao sionismo e pode ter diferentes motivações, desde críticas às políticas do Estado de Israel até a negação do direito de existência desse Estado. Já o antissemitismo refere-se à discriminação ou preconceito contra judeus enquanto povo ou grupo religioso. Embora antissionismo e antissemitismo possam se sobrepor em alguns discursos, não são sinônimos. A crítica ao sionismo não implica, necessariamente, hostilidade aos judeus, tanto que há também judeus antissionistas.

O ensaio aqui apresentado, desenvolvido em conjunto por discentes e docente como exercício em disciplina optativa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGCOM UFMT, analisa um dos mais controversos episódios da nova fase dos conflitos na região: o bombardeamento do Hospital Baptista Al-Ahli em 17 de outubro de 2023, que teria matado cerca de 500 civis palestinos. Como o ataque a civis e instalações médicas é considerado crime de guerra pelo Direito Internacional Humanitário⁶, imediatamente o Governo de Israel e o Hamas começaram a trocar acusações por meio da imprensa sobre a autoria do ataque, utilizando, principalmente, vídeos e áudios que “comprovariam” suas teses.

A partir dos pressupostos de Souza (2011 e 2023), Sontag (2003), Motta (2005), Chomsky (2013), Said (2012), Mbembe (2018) e Pilger (2010), analisamos e contrapomos a este outro episódio de tentativa de ataque terrorista a bomba no Brasil: o Caso Riocentro, de 1981, no contexto da Ditadura Militar (1964-1985). Nosso objetivo é a análise das suas representações midiáticas e enquadramentos jornalísticos nos dois acontecimentos.

Uma das perguntas da pesquisa [da Universidade de Massachusetts sobre a Crise no Golfo] era: “Entre mortos e feridos, quantas vítimas você calcula que a Guerra do Vietnã causou?” A resposta média dada pelos americanos hoje é de que foram cerca de 100 mil. Dados oficiais apontam que foram cerca de 2 milhões. O número real provavelmente está entre 3 e 4 milhões. As pessoas encarregadas da pesquisa levantaram uma questão relevante: O que pensaríamos da cultura política alemã se, quando perguntássemos às pessoas hoje quantos judeus morreram no Holocausto, elas calculassem o número em cerca de 300 mil? [...] Oriente Médio, terrorismo internacional, América Central, qualquer que seja a situação, a imagem do mundo que é apresentada à população tem uma pálida relação com a realidade. A verdade dos fatos encontra-se enterrada em montanhas e montanhas de mentiras. [...] Se quisermos compreender nossa própria sociedade, precisamos refletir sobre esses fatos. (Chomsky, 2013, p. 37-38)

Discutir as diferentes narrativas sobre conflitos é fundamental, afinal,

⁶ Conjunto de normas que regem os conflitos e tem como núcleo as Convenções de Genebra (1949) e seus Protocolos Adicionais (instituídos entre 1977 e 2005). Ver mais em: <https://www.icrc.org/pt/direito-e-politicas/convencoes-de-genebra-e-comentarios#:~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20as%20Conven%C3%A7%C3%B5es%20de%20Genebra%20e%20seus%20Protocolos,limitando%20a%20barbaridade%20da%20guerra.>

(...) o filme [A guerra que você não vê, John Pilger, 2010] narra os fatos da 1ª Guerra Mundial (16 milhões de mortos e 21 milhões de feridos) e um diálogo travado entre o então primeiro ministro britânico, David Lloyd George, e o editor do jornal The Guardian, C.P. Scott: "Se as pessoas soubessem a verdade, a guerra acabaria amanhã. Evidentemente não sabem. Não podem saber". Trata-se da reafirmação da clássica frase: "A primeira vítima, da guerra, é a verdade", alegadamente proferida pelo senador republicano e ex-governador da Califórnia Hiram Johnson, em 1917. Mas, mais do que isso, é a revelação das íntimas relações entre os governantes e a mídia para criar a "verdade" ou a "realidade" que o povo deve conhecer. (Souza, 2011, p. 2)

A escolha desses acontecimentos se deu através da semelhança dos discursos hegemônicos de uma suposta preservação de ideais conservadores: de um lado, o discurso sionista, e de outro, no Caso Riocentro, o discurso anticomunista. Ambos convergem na ideologia militarista que comumente emerge em tempos de crise política. "A classe dirigente cada vez mais precisa se valer da coerção para sustentar seu domínio" (Aliaga, 2023, p. 3).

Escolhemos os estudos das narrativas e dos enquadramentos como base de análise para nossa pesquisa em razão do complemento que um conceito dá ao outro. O jornalismo, enquanto um meio gerador de narrativas midiáticas (Soares, 2010) é reportado sob determinados pontos de vistas que diferem entre si, uma vez que quem narra uma história, ou melhor, quem reporta um fato, tem em seu processo narrativo diversos atravessamentos que impossibilitam a existência da neutralidade (Motta, 2005). Por isso, não tratamos aqui de "verdades", mas de visões sobre fatos objetivos.

Boris Kossoy (2002), em suas reflexões sobre a fotografia e a história, propõe a distinção entre 1ª realidade e 2ª realidade para entender como os fatos são vividos e como são representados. A 1ª realidade é o fato em si, aquilo que ocorre no mundo material e pode ser presenciado diretamente. Ela é objetiva e independe de interpretações ou mediações. A 2ª realidade, por outro lado, é a realidade construída, ou seja, a versão do fato que chega ao público por meio de relatos, registros e representações, como reportagens, fotografias e narrativas históricas. Essa realidade é mediada por diferentes perspectivas e pode ser influenciada por interesses políticos, ideológicos e culturais. No contexto de conflitos, como na guerra, essa distinção se torna crucial. A 1ª realidade consiste nos acontecimentos concretos—ataques, destruição, mortes—vividos pelas pessoas diretamente envolvidas. Já a 2ª realidade é

a forma como esses fatos são comunicados ao mundo, podendo ser distorcidos, manipulados ou interpretados de maneiras diversas, dependendo da fonte e do interesse de quem os reporta.

2. OS ATAQUES EM ISRAEL

Os conflitos na Palestina histórica iniciados na primeira metade do século XX⁷, como apresentamos anteriormente, sempre recebem os holofotes da mídia, ainda que majoritariamente a partir dos relatos israelenses (Pilger, 2010). Alguns dos pontos mais dramáticos do início deste novo capítulo na longa história desta guerra são os ataques terroristas do Hamas contra cidadãos de Israel e outras nacionalidades, no dia 7 de outubro de 2023, e o bombardeamento de um hospital na Faixa de Gaza dez dias depois.

O fato que detonou esta nova fase do conflito se iniciou na madrugada do dia 07 de outubro de 2023, quando, segundo reportagem do jornal Folha de S. Paulo⁸, ao menos 1.500 militantes do Grupo Islâmico Hamas conseguiram se infiltrar por cerca de oito pontos distintos na fronteira da Faixa de Gaza e atacaram uma festa de música eletrônica (rave) e mais 21 locais no território de Israel. Dados do Ministério de Saúde palestino, daquele dia, apontaram 200 israelenses mortos do seu lado da fronteira e 232 palestinos mortos em Gaza pela reação israelense, além de 1.697 feridos⁹. Já de acordo com o governo de Israel, 1.400 pessoas teriam sido mortas em seu território (número mais tarde revisado para 1.200) e cerca de 200 pessoas teriam sido sequestradas e levadas para a Faixa de Gaza.

Dez dias depois, com a ofensiva das chamadas Forças de Defesa de Israel realizando um intenso bombardeio, principalmente na parte norte da Faixa de Gaza, por volta das 18h30, um míssil atingiu o estacionamento do Hospital Batista Al-Ahli,

⁷ [Linha do tempo] Conflito entre Israel e Palestina. Clipping Blog. Disponível em: <https://blog.clippingcacd.com.br/cacd/conflito-israel-e-palestina/>.

⁸ Entenda como foi o ataque terrorista do Hamas em Israel no 7 de Outubro. Folha de S. Paulo, 14 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/entenda-como-foi-o-ataque-terrorista-do-hamas-em-israel-no-7-de-outubro.shtml>.

⁹ Israel sofre ataque surpresa e sem precedentes do Hamas; veja imagens da destruição. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/imagens-mostram-destruicao-de-ataques-em-israel-veja/>.

deixando cerca 500 pessoas mortas e mais de 300 feridas, dezenas delas em estado grave, conforme números divulgados quatro dias depois¹⁰. A partir deste segundo acontecimento, outra guerra volta a tomar conta da mídia: a de narrativas. Nesta guerra, já não são bombas e armas, mas sim ideologias políticas e até mesmo questões religiosas/teológicas que estão em disputa. Afinal, como já demonstrava Achille Mbembe, no ensaio que definiu o conceito de necropolítica:

A forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação da Palestina. Aqui, o Estado colonial tira sua pretensão fundamental de soberania e legitimidade da autoridade de seu próprio relato de história e identidade. Essa narrativa é reforçada pela ideia de que o Estado tem direito divino de existir; e entra em competição com outra narrativa pelo espaço sagrado. [...] Em consequência, a violência colonial e a ocupação se apoiam no terror sagrado da verdade e da exclusividade (expulsões em massa, reassentamento de pessoas "apátridas" em campos de refugiados, estabelecimento de novas colônias). (Mbembe, 2018, pp. 41-42)

No artigo "Orientalismo na Imprensa Brasileira: O Brasil de Fato e suas influências na construção de novas narrativas acerca do conflito de Israel e Palestina" (Almeida, et al., 2023), vemos que a comunicação presente nestes contextos de guerra funciona como potencializadora de pensamentos e ideologias daqueles que sustentam financeiramente os lados. A disputa de narrativas ocorre tanto nos veículos tradicionais (jornais, revistas, TVs, rádios), como nos digitais (portais, blogs, sites) e também nas redes sociais.

Rosana de Lima Soares (2010) em seu "Pequeno inventário de narrativas midiáticas: verdade e ficção em discursos audiovisuais", propõe que deva ser pensado o jornalismo como um meio em que se formam as narrativas midiáticas. Já Motta (2005) defende que quem narra tem algum objetivo nesta locução, sendo que nenhuma narrativa é neutra. Souza (2023) reforça essa posição ao separar as mídias jornalísticas como secundárias (analógicas) e terciárias (eletro-eletrônicas), mas ambas dentro da chamada "segunda realidade", que depende sempre das opiniões e pontos de vista de quem a constrói e/ou distribui.

¹⁰ Ataques de Israel na Faixa de Gaza: Israel solicita a evacuação de 20 hospitais em Gaza. TRT. Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/medio-orientel2023/10/21/ataques-de-israel-na-faixa-de-gaza-israel-solicita-a-evacuacao-de-20-hospitais-em-gaza-2054062>.

A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. Assim, a comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas. (Motta, 2005 p.2)

Entendido que sempre há uma questão narrativa por trás do conflito, ou melhor, a guerra por trás da guerra, é pertinente analisar como essas narrativas foram enquadradas. Não necessariamente se trata de desinformação, o que é muito frequente e prejudicial neste tipo de cobertura, mas sim o enquadramento dado a elas. A informação possui um mesmo local de partida: o ataque ao Hospital na Faixa de Gaza. No momento em que o míssil atinge o local, não se sabia muito sobre o caso e não havia imagens tão apuradas que, mesmo assim, começaram a sair no decorrer dos dias após o ataque. Mas ainda assim os veículos (e governos e fontes primárias que os “informaram”) tinham o suficiente para noticiar e enquadrar o fato em uma narrativa.

No primeiro exemplo, apresentado logo abaixo, tem-se a capa do título, que saiu no mesmo dia do ataque, da matéria publicada no G1 (figura 2). Nela, é possível compreender uma narrativa pró-Israel, onde o país se defende e coloca a culpa em um de seus adversários, no caso a Jihad Islâmica¹¹, no ocorrido:

Figura 2: Print da matéria publicada pelo G1 no mesmo dia do ataque:



Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/17/israel-afirma-que-hospitais-nao-sao-alvos-das-suas-forcas-de-defesa-e-que-investiga-ataque-em-gaza.ghtml>

¹¹ Grupo militante armado formado em 1987 no contexto do primeiro levante da Palestina. Ver mais em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/inimiga-de-israel-e-aliada-do-hamas-entenda-o-que-e-a-jihad-islamica/>.

Num segundo exemplo (figura 3), temos o mesmo acontecimento divulgado por outro meio de comunicação no mesmo dia. Agora, Israel já não mais se defende e acusa o inimigo, mas é apresentado como o vilão do episódio.

Figura 3: Print do título da matéria publicada no mesmo dia do ataque pela Rede Brasil Atual



Fonte: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/israel-ataca-hospital-e-escola-da-onu-em-gaza-centenas-morrem/>

Essas notícias, publicadas com uma diferença de apenas três minutos na imprensa brasileira, deixam clara a disputa narrativa sobre a guerra, uma constante no jornalismo desde as *Actas Diurnas*, com relatos sobre as vitórias do exército romano nas diversas frentes de batalha meio século antes de Cristo. Entretanto, poucos são os leitores que leem mais de uma fonte jornalística e há centenas de trabalhos (jornalísticos e acadêmicos) demonstrando a quase unicidade de pontos de vista da mídia *mainstream* ou hegemônica¹². Vistas separadamente, as informações dadas por esses veículos de informação dão a entender e favorecer um lado. Isso evidencia, sobretudo, que as guerras secundárias, as narrativas, tendem a ser tão intencionais e calculadas quanto as que contam com bombas, exércitos e mísseis.

¹² Entre esses trabalhos podemos citar: Os meios de comunicação hegemônicos do Brasil e a notícia, de Alexandre Tambelli (2014), disponível em:

<https://jornalggn.com.br/midia/os-meios-de-comunicacao-hegemonicos-do-brasil-e-a-noticia/> ; Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil, de Bruno Marinoni (2015), disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12117.pdf> ; e Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição de Gramsci, de Dênis de Moraes (2010), disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420/8298>.

3. O CASO RIOCENTRO

Desde a formação da república do nosso país (1889), são recorrentes as tentativas e implementação de golpes militares com a justificativa de estabelecer a ordem. Em momentos de crise do sistema político, como a redemocratização nos anos 1980, não é raro que o Estado recorra, de forma velada ou não, ao militarismo, “entendido como um conjunto de intelectuais, ideias, práticas e movimentos orientados pelos valores e concepções militares, presentes na cultura política brasileira”, (Aliaga, 2023, p. 2).

O último golpe militar, cujo regime vigorou de 1964 a 1985, foi instaurado com base neste discurso, perseguindo supostos comunistas mas na verdade exercendo imensa repressão sobre qualquer um que não se alinhasse ao discurso oficial. A Ditadura Civil-Militar, que tanto impôs o discurso anti-terrorista e que, em razão dele, matou e torturou diversos indivíduos que lutaram em prol da democracia, incluindo pessoas que nada tinham a ver com a luta contra a repressão, cometiam o que, supostamente, denunciavam. Um exemplo disso foi o Caso Riocentro, um atentado à bomba comprovadamente realizado pelo Estado brasileiro, em 1981.

Segundo o relatório preliminar da pesquisa “Riocentro: Terrorismo de Estado Contra a População Brasileira”, divulgado em 2014 pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), foram implantadas 40 bombas entre os anos de 1980 a 1981, sendo a última planejada para explodir no Riocentro, em 30 de abril.

O derradeiro artefato explosivo dessa época estourou, por descuido, no colo do Sargento do Exército Guilherme Pereira do Rosário, matando-o na hora, e deixando gravemente ferido o Capitão Wilson Dias Machado, que também estava no carro. A bomba tinha sido planejada para ser colocada no Show dos Trabalhadores, que ocorreu naquela noite. Às 21h20, a plateia ouviu um estrondo. A partir daí começava, então, o tensionamento das narrativas militares *versus* imprensa a fim de descobrir a autoria do atentado. Quem, de fato, eram os terroristas?

Na data marcada para o show, que se estenderia até a madrugada do dia seguinte, o coronel Nilton Albuquerque Cerqueira, comandante-geral da PM do Rio de Janeiro, deu ordem ao 18º Batalhão da Polícia Militar (BPM) para que não fornecesse

“policiamento ao evento programado para o Riocentro”¹³. Ainda no mesmo dia, aproximadamente 15 militares se reuniram no extinto restaurante Cabana da Serra, que se localizava na estrada Grajaú-Jacarepaguá, Rio de Janeiro, para planejarem a execução da bomba. Os homens portavam armas e mapas, deixando os funcionários amedrontados. Vendo a situação, os trabalhadores do estabelecimento chamaram a polícia, mas o grupo de homens armados já tinha ido embora quando a PM chegou no local.

O plano era implantar uma bomba no show organizado pelo Centro Brasil Democrático (Cebrade), setor cultural presidido à época pelo arquiteto Oscar Niemeyer e que tinha vínculo com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ou seja, o atentado tinha viés anticomunista. Apesar de ter matado e ferido militares da ativa, após as “investigações” o Inquérito Policial Militar informou que a bomba foi decorrente de um ataque de grupos ligados à esquerda, como a Vanguarda Popular Revolucionária (desmantelado desde 1974). A imprensa, por sua vez, pautou de forma crítica a versão dada pelos militares do resultado do inquérito, em razão da inconsistência das provas.

Figura 4: Print retirado do site do jornal O Estado de São Paulo, mesmo grupo que publicava o Jornal da Tarde



Fonte: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,atentado-do-riocentro-as-bombas-que-tentaram-parar-a-abertura-politica,70003698606,0.htm>

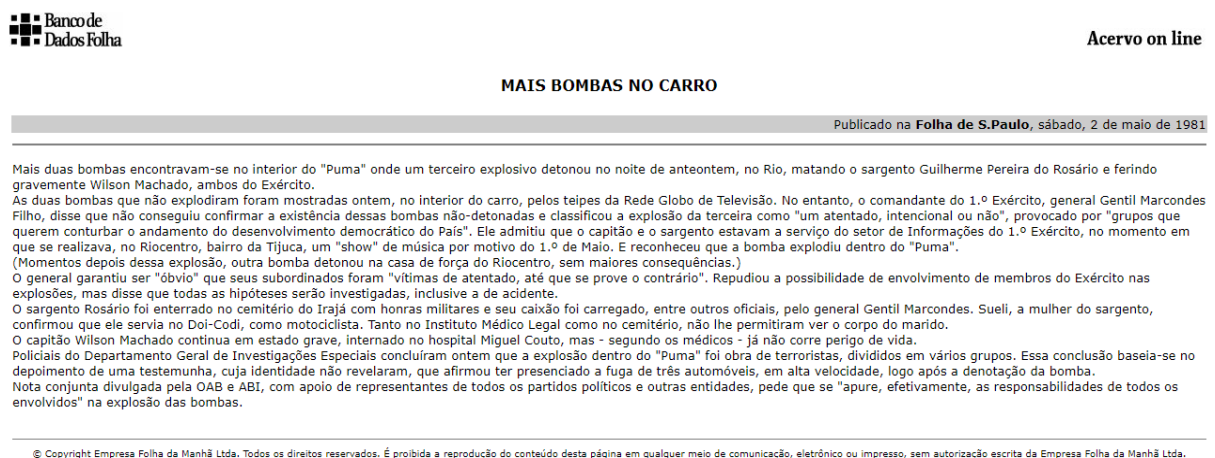
A manchete do Jornal da Tarde (figura 4) exemplifica bem como os tensionamentos são fatores inerentes das narrativas. A frase “Veja os fatos e julgue” dá a entender que o veículo quis articular a ideia de neutralidade - o papel do jornal é de

¹³ Comissão Nacional da Verdade. Relatório Preliminar de Pesquisa Caso Riocentro: Terrorismo de Estado Contra a População Brasileira. 2014.

somente revelar os fatos e o leitor poderá, a partir deles, formular seus próprios juízos de valor. Contudo, a neutralidade não é condizente com a narrativa. Quem narra, narra de algum lugar e este lugar está repleto de atravessamentos, subjetividades, ideologias (Souza, 2023).

Diferente do Jornal da Tarde, a Folha de São Paulo, dois dias depois do atentado, contrapõe, sem floreios, a declaração do comandante do 1º Exército, general Gentil Marcondes Filho, que disse que a bomba foi “um atentado, intencional ou não”, provocado por “grupos que querem conturbar o andamento do desenvolvimento democrático do País” (figura 5).

Figura 5: Matéria do jornal Folha de São Paulo, do dia 2 de maio de 1981



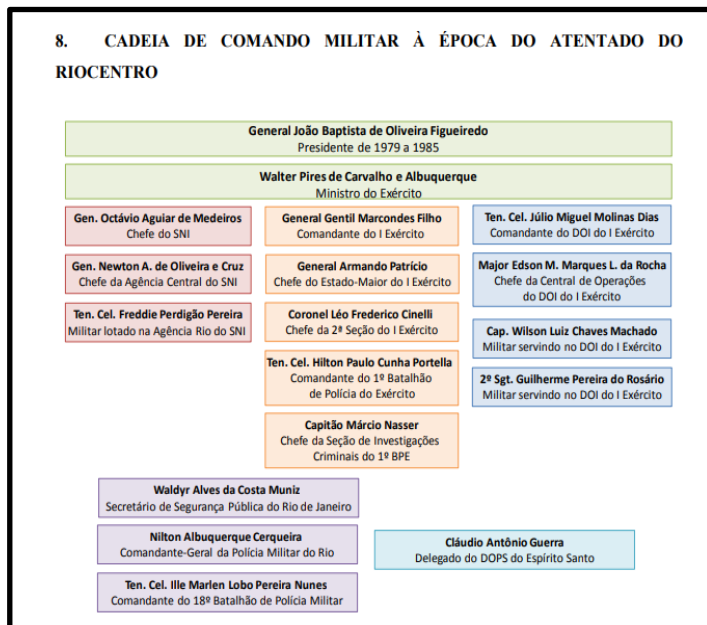
Fonte: http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_02mai1981.htm/

Antes das aspas do general, a matéria diz que “as duas bombas que não explodiram foram mostradas ontem, no interior do carro, pelos *teipes* da Rede Globo de Televisão” (figura 5). O relatório redigido pela CNV confirma a possibilidade do general ter conhecimento sobre a plano do atentado:

11h50 – Miranda: dentro do Puma. O Robot está morto. Tem uma granada que estava no carro e botaram no chão. Parece que o carro estava em movimento. Robot ou robô é uma clara referência ao agente que portava a bomba, no caso o agente Wagner, o sargento Guilherme Pereira do Rosário, morto na explosão. 12h30 – Cel Afonso: Gen. Gentil sabia? Nesta passagem das anotações, nota-se a indagação de um oficial, o coronel Afonso, em telefonema ao comandante do DOI do I Exército, às 00h30 do dia 1º de maio, diante da possibilidade de o general Gentil Marcondes Filho, então comandante do I Exército, ter conhecimento, com antecedência, do atentado terrorista. (Comissão, 2014, p.666)

O general fazia parte da alta cúpula dos militares, conforme mostra a figura 6:

Figura 6: Print retirado do relatório Preliminar de Pesquisa Caso Riocentro: Terrorismo de Estado Contra a População Brasileira produzido pela Comissão Nacional da Verdade



Fonte: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/riocentro/relatorio_preliminar.pdf

É possível notar também que, por mais que a fonte oficial seja um militar, ela aparece descredibilizada quando o próprio jornal contraria a fala do general. Na época, o sentimento pró-democracia se espalhava praticamente por toda a imprensa, desde os jornais que no início do golpe eram simpatizantes à Ditadura, até a imprensa que sempre declarou oposição ao regime. Neste sentido, o enquadramento dado à notícia é de que os militares estavam, muito possivelmente, “equivocados”. O enquadramento era contra-hegemônico, visto que a narrativa hegemônica era a dos militares e aquelas permitidas pela repressão.

[O enquadramento] Trata-se do processo em que os jornalistas escolhem palavras para a elaboração de uma ideia, hierarquizam informações, aprofundam ou não a discussão sobre um assunto e selecionam dados e imagens para compor uma matéria. Tudo isso molda a forma como uma realidade é construída e, consequentemente, compreendida pela população. (Garibaldi, 2017, s/n)

O conceito de enquadramento é essencial na construção das narrativas jornalísticas, pois envolve a seleção e organização de informações de maneira que

moldam a percepção pública sobre eventos ou temas. Ao escolher palavras, dados e imagens, os jornalistas não apenas informam, mas também interpretam e estruturam a realidade, influenciando a opinião pública. Esse processo de "moldagem" não é neutro, pois é influenciado por fatores como a linha editorial da mídia, os interesses do veículo e o contexto social e político. O enquadramento define o que é importante e como essas informações são priorizadas, construindo narrativas específicas que afetam a compreensão coletiva. A forma como os jornalistas hierarquizam ou simplificam informações reforça seu poder simbólico, pois pode gerar interpretações distintas, dependendo do enquadramento adotado. Assim, o enquadramento não é apenas uma ferramenta técnica, mas um instrumento de poder que direciona as interpretações da realidade, influenciando a maneira como questões sociais, políticas e culturais são entendidas pela população.

Na notícia, por mais que não houvesse outras aspas, o texto menciona duas entidades públicas que eram abertamente contrárias ao regime: a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Assim, é possível inferir que a narrativa da reportagem sugere ao leitor que as bombas não foram jogadas por comunistas ou que foi simplesmente um acidente. Um leitor atento, decerto, observou incongruências entre o que foi afirmado pelos militares e o que foi descrito na matéria, considerando que os "*teipes* da Rede Globo de Televisão" foram as testemunhas ao mostrar que existiam mais bombas desarmadas dentro do carro. "A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo" (Motta, 2005, p.2), ou seja, elas são construídas e desconstruídas continuamente e o jornalismo tem papel fundamental nesse processo.

Nesse sentido, o conceito de "verdade" se torna fluido e contestável, pois a verdade jornalística não é uma verdade única ou absoluta, mas sim uma versão dos fatos construída a partir de diferentes fontes, perspectivas e interpretações. A mídia, ao escolher o que relatar e como, contribui para a formação de uma "verdade" que, muitas vezes, está distante da totalidade dos eventos, sendo moldada por contextos políticos, sociais e ideológicos.

4. O ATAQUE CONTRA A FLOTILHA DE AJUDA HUMANITÁRIA EM GAZA

O documentário "A guerra que Você Não Vê" (2010), dirigido e roteirizado pelo jornalista investigativo e correspondente de guerra John Pilger, apresenta uma boa

análise das relações entre campo midiático e as guerras que aconteceram e ainda acontecem no Oriente Médio, mostrando a influência da grande mídia na percepção popular da guerra. Ele segue uma linha semelhante à de Susan Sontag em seu último livro, “Diante da Dor dos Outros”, de 2003, que, assim como o documentário de Pilger, foi feito depois do ataque às Torres Gêmeas e que deu impulso a uma nova onda de “Guerras contra o Terror”.

A atenção pública é guiada pelas atenções da mídia – ou seja, de forma mais categórica, pelas imagens. Quando há fotos, uma guerra se torna “real”. Assim, o protesto contra a Guerra do Vietnã foi mobilizado por imagens. O sentimento de que algo tinha de ser feito a respeito da guerra da Bósnia foi construído a partir das atenções dos jornalistas [...] que trouxeram imagens de Sarajevo sitiada para o interior de milhões de salas de estar, noite após noite, durante mais de três anos. Esses exemplos ilustram a influência determinante das fotos para definir a que catástrofes e crises nós prestamos atenção, com o que nos importamos e, por fim, que juízos estão associados a esses conflitos. (Sontag, 2003, p. 87)

As narrativas midiáticas, muitas vezes, são criadas não somente para descrever os fatos, mas para uma representação valorativa contrastante e antagônica entre os envolvidos. Ou seja, criam-se os vilões e os mocinhos para justificar a violência ultrajante da guerra. Em paralelo a isso, o pesquisador Luiz Motta (2005), como dito acima, reitera que o narrador configura um discurso narrativo com a intenção de gerar efeitos no seu destinatário. Assim, não há narrativas ingênuas.

No documentário de Pilger (2010), foram entrevistados diversos jornalistas dos principais canais de comunicação dos Estados Unidos e da Grã Bretanha. Os profissionais foram questionados quanto à sua participação frente à cobertura de guerras no Iraque e na Palestina e as consequências do modo em que os fatos foram noticiados ao público. Além disso, outras questões importantes foram levantadas: como a forma com que os crimes de guerra foram reportados e se houve uma cobertura jornalística que abordasse o ponto de vista da população civil, a parte mais sofrida em relação à guerra.

A obra evidencia a importância da propaganda para convencer a população a “comprar” a guerra. Sobre isso, o pioneiro da propaganda moderna, Edward Bernays, sobrinho de Sigmund Freud, teria escrito que “A manipulação inteligente das massas é um governo invisível que é o verdadeiro poder governante em nosso país.” (Pilger,

2010, min. 3:09). Segundo o historiador da mídia entrevistado no documentário, Stuart Ewen, Bernays teria ido ao então presidente dos EUA, Woodrow Wilson, e dito: “Olhe, se você entrar nesta guerra [I Guerra Mundial] nós vamos ter de vender esta guerra para o povo estadunidense.” (Pilger, 2010, min.3:32). Os “argumentos” para “vender” a entrada dos EUA no conflito seriam a construção de uma narrativa não necessariamente conectada aos fatos, mas que associasse a imagem dos alemães a monstros que iriam destruir a liberdade e a democracia.

Figura 7: Captura de tela do documentário “A guerra que você não vê”, expõe cartaz para convocação de tropas nos EUA mostrando gorila com capacete militar alemão da I Guerra Mundial



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pskjl2czKg&t=288s>

Ademais, a falta de visibilidade de outras narrativas que não fosse a do país “invasor” contribuiu para que a guerra devastasse o território com mais intensidade. Os jornalistas incorporados, que mostravam somente o ponto de vista das tropas invasoras, tiveram um importante papel negativo nesse período. O documentário traz cenas dilacerantes que demonstram a crueldade da guerra no Iraque e no Afeganistão após os ataques às Torres Gêmeas, sendo noticiada com um certo ar satírico pelos jornalistas, enquanto milhares de pessoas perderam a vida e outras ficaram desalojadas. Cenas contrastantes na qual transparece uma realidade não revelada nas notícias através das imagens reais das consequências da guerra para os civis indefesos.

Já sobre o conflito histórico que ocorre entre Israel e o povo palestino, o documentário revela diversos crimes de guerra, como o assassinato de jornalistas independentes ou palestinos em campo e ataque ao pessoal de ajuda humanitária.

Segundo dados apresentados no documentário que citaram relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU), dez jornalistas palestinos teriam sido mortos por forças de Israel entre 1992 e 2010. Mas mesmo os jornalistas ocidentais distantes do campo de batalha, de modo geral, iam ao encontro da narrativa estabelecida pela “máquina de propaganda do governo israelense”, pois seria muito mais cômodo, e seguro para a carreira, criticar o povo palestino do que criticar Israel, como explica o professor e pesquisador Greg Philo, do Grupo de Estudos de Mídia da Universidade de Glasgow, Escócia.

Depois do primeiro livro [More bad news from Israel] eu fiz uma série de entrevistas com jornalistas da Grã Bretanha, da BBC News. Passei muito tempo com produtores-sêniores de noticiários televisivos e um deles me disse, no contexto de uma discussão acalorada que estava acontecendo com os jornalistas: “A gente espera com medo”. Essas foram suas palavras exatas. “Nós esperamos com medo o telefonema dos israelenses. A única questão que encaramos, então, é de qual nível veio a informação. Veio de um grupo de monitoramento? Veio da embaixada israelense? E daí, até que ponto irá em nossa organização? Será até o editor imediato? Ou o superior? Ou o diretor geral?” (Philo *in* Pilger, 2010, 1:05:30-1:06:12min)

O documentário detalha os acontecimentos no litoral da Faixa de Gaza no dia 31 de maio de 2010, quando forças israelenses atacaram uma frota de ajuda humanitária em águas internacionais, e suas repercussões midiáticas na Inglaterra. Na ação militar, nove tripulantes da flotilha, que não faziam parte de grupos beligerantes e não estavam armados, foram assassinados. Nos dias seguintes, o governo de Israel utilizou seus porta-vozes para dar declarações de que os soldados teriam sido atacados e agiram em autodefesa. O governo também distribuiu vídeos editados e legendados que mostrariam o ataque aos soldados, exatamente como voltaram a fazer no caso do bombardeio ao Hospital Batista Al-Ahli, em 17 de outubro de 2023. Aqui no Brasil, os militares também adulteraram provas que os incriminavam no Caso Riocentro. Observa-se, talvez, um *modus operandi* universal na conduta militar quando se trata de minar o inimigo. Os voluntários que não foram a óbito nos ataques à flotilha de ajuda humanitária, incluindo 40 de nacionalidade britânica, foram detidos em Israel.

Levaria quase quatro meses para uma investigação independente da ONU classificar o ataque como crime de guerra. Essa contrapartida às informações oficiais oferecidas pelo governo de Israel em junho de 2010 teria tido, segundo o documentário, pouquíssima repercussão midiática nos noticiários internacionais.

Quanto a espaço para porta-vozes do povo palestino no noticiário, não houve nenhum, nem na época dos assassinatos, nem na divulgação do relatório da ONU. A BBC News Brasil publicou uma notícia que abordava esse fato, mas pontuava que “pouco antes do relatório ser divulgado, o governo de Israel criticou o Conselho de Direitos Humanos da ONU, afirmando que o órgão era extremista, politizado e tendencioso”.

Figura 8: Captura de tela de notícia sobre o crime de guerra em Gaza pela BBC News Brasil



(Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/09/100922_frotagazaonufn)

Considerações Finais

Nos períodos de guerra, ou nos embates políticos militarizados, a “verdade” costuma ser a primeira vítima, como bem pontuou Phillip Knightley no título de seu livro sobre correspondentes de guerra. Mas o conflito em curso na Faixa de Gaza, que ensejou esse ensaio, levou a morte da verdade a um novo patamar.

Quando fechávamos este texto, a ONU já somava 208 jornalistas palestinos mortos pelas Forças de Defesa de Israel¹⁴ na Faixa de Gaza e Cisjordânia, lembrando que é proibida a entrada de jornalistas estrangeiros em Gaza. É o maior número de profissionais de comunicação mortos em qualquer conflito no mundo todo em toda a história do jornalismo. Como a verdade é um conceito fluido, o jornalismo deve ser feito a partir dos enquadramentos nos quais a narrativa dos eventos seja radicalmente

¹⁴ Veja em: https://adital.org.br/israel-mata-o-jornalista-hossam-shabat-conhecido-por-seus-relatorios-de-north-gaza/#google_vignette

centrada nos fatos objetivos. “Informar” que os ataques das forças armadas de Israel contra o povo palestino começaram em 7 de outubro de 2023, é na verdade desinformar os leitores. As pressões, como classifica a editora-sênior da BBC, Fran Unsworth (PILGER, 2010, 1:05:04 min), sempre existirão, seja de governos estrangeiros com máquinas de propaganda muito eficientes, seja do “Deus Mercado”, seja de governos autoritários e com leis de censura sobre os veículos de comunicação. Entretanto, o jornalismo comprometido com os fatos e sua correta contextualização sempre soube driblar essas pressões e informar o público sobre os fatos importantes que o atingem. Os exemplos de como a imprensa brasileira atuou cobrindo eventos de bombas no fim da ditadura militar demonstram que isso é possível.

As narrativas e enquadramentos mais verossímeis dos fatos podem, ao fim e ao cabo, não resultarem em uma verdadeira justiça ou resolução de conflitos. O papel do jornalista, portanto, é limitado no seu poder real de influência na população pelo contrapoder assim legitimado, legalmente institucionalizado ou não. Contudo, segue sendo nossa obrigação ética com a sociedade informar a população corretamente sobre os fatos. Se salvarmos uma única vida, salvamos o mundo inteiro. Aliás, parece que essa frase já foi escrita em algum livro sagrado.

REFERÊNCIAS

Aliaga, Luciana. **Militarismo e restauração reacionária no Brasil**. Cuadernos del Ciesal, Rosario, UNR, N° 22, Vol.º 1, 2023, pp.1-18, ISSN 1853—8827. Disponível em: <https://cuadernosdelciesal.unr.edu.ar/index.php/inicio/article/view/85/97> .

Almeida, et al. **Orientalismo na Imprensa Brasileira: O Brasil de Fato e suas influências na construção de novas narrativas acerca do conflito de Israel e Palestina**. – INTERCOM -Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, PUC - Minas, 4 set. 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202317432864dd34f012931.pdf .

Chomsky, Noam. **Mídia: Propaganda política e manipulação**. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

Comissão Nacional da Verdade. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Governo Federal, Brasília 2014. Disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>

Garibaldi, Christinny. **Enquadramento de notícias e sua influência na opinião pública**. Site Politize.com. 29 de Jun. 2017. Disponível em <https://www.politize.com.br/enquadramento-de-noticias-e-sua-influencia/>

Kossoy, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2002.

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. 41-42

Motta, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; São Paulo; 2005. São Paulo: Intercom; 2005.

Pilger, John; LOWERY, Alan. **The war you don't see**. Documentário em vídeo. Colorido, 97 min. Produção ITV, 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7Q38XOzC5cl>

Said, Edward. **A questão da Palestina**. São Paulo, Editora Unesp, 2012.

Soares, Rosana de Lima. **Pequeno inventário de narrativas midiáticas: verdade e ficção em discursos audiovisuais**. Significação: Revista de Cultura e Audiovisual, São Paulo, v. 37, 22 dez. 2010. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2010.68122> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/issue/view/5342>

Sontag, Susan. **Diante Da Dor Dos Outros**. São Paulo, Editora Schwarcz, 2003.

Souza, Vinicius. **Desafios da Coleta e Distribuição da Informação em Rede: a importância da confiabilidade e da proteção da fonte no jornalismo via internet.** Revista Altegor: jornalismo popular e alternativo, São Paulo, v.4, n. 2, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88241>

Souza, Vinicius. **Quer que desenhe? Imagens, fake news e mudança no modo de pensamento.** São Paulo, Editora Casa Flutuante, 2023.